

# A pele do piolho

Era uma vez um rei que não primava pelo asseio. Tinha tal medo da água que nunca se lavava.

– Tomar banho no rio é perigoso, posso afogar-me. Meter-me numa banheira é perigoso, posso escorregar. Esfregar-me com uma toalha molhada é perigoso, pode cair-me a pele – dizia ele.

Não havia perfume que encobrisse o seu mau cheiro. A rainha tinha morrido, intoxicada. O pessoal da corte mantinha-se todo à distância, o que ele achava natural, como sinal de respeito. Só a filha se aproximava, com uma mola de roupa de ouro a tapar-lhe o nariz.

– É a nova moda – desculpava-se ela para não o ofender.

Certo dia, ao penteá-lo, até estremeceu.

– Ai, senhor, que grande piolho! Vou já tirar-lho.

– Não o tires que me faz companhia. Meu rico bichinho de estimação! Acompanha-me a toda a hora, para onde quer que eu vá... Cães ou gatos não são mais dedicados.

Deixou a filha ficar o animal que, com o tempo, foi crescendo, crescendo, crescendo. Ficou tão grande que até parecia um chapéu pousado no cocuruto da real cabeça. Até a coroa deixou de lhe servir.

Também a princesa cresceu, tão bela, esperta e asseada que ninguém diria que era filha de tal pai.

Estavam, pois, ambos crescidos quando o piolho adoeceu.

Tinha o rei andado a passear ao sol e o pobre apanhara um escaldão. Agora tossia, espirrava que era um dó de alma e tinha tanta, tanta febre que a cabeça do monarca escaldava.

